



JORNAL

associação portuguesa de paramiloidose

N.º 20 OUTUBRO 1993

SEMESTRAL (DIST. GRATUITA)

Editorial

A 14 de Abril de 1992 foi galardoado pelo Sr. Presidente da República com o Prémio Bial para a Investigação em Medicina a nossa amiga, sócia n.º 3 e nossa Ex-Presidente a Prof.ª Dr.ª Paula Coutinho.

Senhora com características excepcionais de inteligência e dedicação tem vindo desde o seu primeiro dia de trabalho a dedicar-se ao campo de investigação clínica, primeiro com o estudo da Doença dos Pézinhos (P. A. F.) e de alguns anos para cá com o estudo de uma doença, também hereditária, oriunda das Ilhas dos Açores e a que se deveu o nome de Doença de Machado Joseph.

Em qualquer um dos seus trabalhos de investigação ela foi chamada pelo Prof. Dr. Corino Andrade para com ele trabalhar.

Foi há aproximadamente dez anos que o Prof. Corino recebeu um convite da Direcção Geral de Saúde para estudar e caracterizar uma doença descrita pelos americanos e encontrada junto da comunidade portuguesa açoreana. Voaram, ele e a Dr.ª Paula Coutinho, rumo à Ilha das Flores onde sem qualquer pista mas batendo de porta em porta encontram famílias portadoras da doença, então descritas pelos americanos.

A partir daí foi-se desenvolvendo o estudo desta doença com a colaboração de departamentos do ICBAS, também já familiarizados com a PAF e, em Outubro de 1992, a Dr.ª Paula Coutinho apresentou-se frente a um júri de doutores que lhe concederam o grau Académico, há muito desejado de Professora Catedrática. O trabalho que já nesse dia mereceu os melhores e maiores elogios foi uma tese intitulada Doença de Machado Joseph e foi com esse mesmo trabalho que a Dr.ª Paula Coutinho ganhou o tão desejado Prémio Bial para a Medicina.

Por tudo quanto esta Senhora fez pela Medicina, pela Doença dos Pézinhos, pela Doença de Machado Joseph e mais importante ainda por todos os que são portadores destas doenças o nosso muito obrigado e os nossos desejos de que a sua vida profissional lhe continue a dar motivos de orgulho.

QUERIDOS SÓCIOS

Agora que vamos terminar mais um mandato desta Direcção não podemos deixar passar esta ocasião sem mencionar alguns factos mais ou menos importantes mas que, nem por isso, deixaram de constituir passos importantes no crescimento e consolidação da nossa Associação.

Estão quase completados 14 anos de vida da A. P. P. e, a quem desde o 1.º dia é dada a honra de acompanhar o crescimento da obra, estes 14 anos são difíceis de esquecer. Desde as primeiras reuniões de formação da Associação, elaboração dos seus Estatutos, A. Geral da criação da Associação até aos dias de hoje, onde a A. P. P. faz parte dos Associados com assento no Secretariado Nacional de Reabilitação., discute e elabora lado a lado com entidades públicas sobre regalias para todos os portadores desta doença, é gratificante chegar à conclusão que a APP tem vindo a crescer em significado, no conhecimento de todos, doentes e não doentes e é já entidade conhecida por políticos e não só. Tem assento junto a Associações estrangeiras doentes portadores de doenças hereditárias e não só.

Também passou por momentos menos felizes recuar em situações consideradas como de maior importância para os doentes foram e continuarão a ser as maiores desilusões. Por vezes os elementos dos Corpos Directivos atravessam também os seus momentos menos felizes e também esses momentos, embora não voluntariamente, vêm a refletir de algum modo na vida da Associação.

Um desses momentos foi a que a responsável pela organização do nosso jornal passou durante o ano de 1992 e que a levou a descorar a feitura deste tão importante meio de comunicação entre todos nós. Por este acontecimento vem a direcção da APP e o responsável pelo jornal solicitar a compreensão de todos.

Teresa Vasconcelos

A PROPÓSITO DOS TRANSPLANTES DE FÍGADO PARA TRATAMENTO DA POLINEUROPATIA AMILOIDÓTICA FAMILIAR

Em Abril de 1990, realizou-se no Hospital de Hudding, em Estocolmo, na Suécia, o primeiro transplante de fígado num doente com polineuropatia amiloidótica familiar. Tratava-se de um doente sueco, de 46 anos, com uma doença a progredir rapidamente desde há 6 anos, e que aceitara esta intervenção como uma tentativa para parar a evolução desta enfermidade invariavelmente fatal.

A notícia surpreendeu os doentes e até, pode-se dizê-lo, os médicos ligados ao tratamento destes doentes: o transplante hepático era efectuado habitualmente em doentes cujo fígado estava doente e incapaz de realizar as suas múltiplas funções, sendo por isso a vida dos doentes em risco. Ora na Paramiloidose o fígado não está lesado e assegura as suas funções sem problemas.

No entanto, existia uma razão teórica bastante simples para esta "aventura": sabe-se que na PAF uma proteína que circula habitualmente no sangue tem uma conformação anormal, o que a leva a depositar-se em vários locais do organismo, nomeadamente nos nervos periféricos, sob a forma de uma substância chamada amiloide. E essa proteína do sangue é quase totalmente sintetizada (ou seja, fabricada) no fígado. Substituindo o fígado de um doente que está "programado" para produzir esta proteína anormal pelo fígado de uma pessoa sem doença esperava-se que passasse a circular no sangue apenas proteína normal; talvez assim a doença parasse de evoluir ou pudesse melhorar. Foi esta a razão que levou os médicos suecos a tentar esta experiência inovadora.

Felizmente tudo correu bem e mais 3 doentes foram submetidos a outros tantos transplantes nos dois anos seguintes. Também em Espanha os médicos se decidiram a arriscar o mesmo tratamento. Tinha entretanto sido publicado numa revista médica que se confirmava que a proteína anormal desaparecia do sangue após o transplante. Faltava saber como se sentiam os doentes e como decorria a evolução da sua doença. Em Junho de 1992, no 2.º Simpósio sobre PAF, este tema foi naturalmente objecto de aceso debate. Estiveram presentes no Simpósio três dos doentes transplantados na Suécia. E parecia relativamente evidente que, sobretudo no doente que já fora operado há dois anos, os resultados eram promissores. Mas uma andorinha não faz a Primavera... e era necessário definir melhor os riscos e as vantagens deste tratamento.

O transplante hepático é uma operação difícil e demorada, em que se retira o fígado de um doente e se substitui pelo de um dador em morte cerebral ou seja, alguém com danos irreversíveis no cérebro que impedem totalmente a sobrevivência embora se mantenha a respirar e com o coração a bater, por um curto espaço de tempo, através do recurso a máquinas mais ou menos sofisticadas.

Como o fígado que é colocado no doente transplantado é "estranho" ao organismo que o recebe seria rejeitado se se deixasse que as defesas de cada doente actuassem normalmente. Por isso antes do transplante o doente começa a tomar medicamento (chamados

imunossuppressores) que diminuem as suas defesas e que vai ter que tomar para toda a vida. Ora esta diminuição de defesas torna-o mais sensível ao desenvolvimento de infecções, algumas suficientemente graves para poder pôr a vida em risco.

Mesmo assim, por vezes, após a operação, há problemas de rejeição que impedem o normal funcionamento do órgão transplantado e obrigam a aumentar a medicação ou mesmo, em casos desesperados, a fazer um novo transplante.

Ou seja este tratamento envolve dois tipos de risco: o risco operatório e pós operatório imediato e os perigos relacionados com a diminuição de defesas que se vão manter por toda a vida.

Em relação às vantagens do tratamento confirmou-se a impressão dada pelos primeiros doentes no Simpósio da Suécia. Foi recentemente publicado numa revista médica um artigo que descreve a paragem da evolução da doença nos quatro primeiros doentes transplantados. Para além de não haver maior perda de sensibilidade ou de força, os doentes referem melhoria do estado geral, do apetite e do peso e particularmente da diarreia.

Entretanto, durante o último ano, vários Hospitais (em Espanha, em França, em Inglaterra, nos Estados Unidos, etc.) tentaram também transplantes de fígado em doentes com PAF, havendo já dezenas de doentes transplantados, mas com pouco tempo de evolução.

Parece pois que hoje em dia podemos afirmar que estamos perante um tratamento que impede a doença de se agravar. No entanto, é uma proposta com riscos, quer operatórios quer para o futuro e que implica por si só uma necessidade de medicação e de vigilância médica frequente. Nos próximos tempos será necessário que os operadores e os médicos que tratam a Paramiloidose discutam entre si quais os doentes que têm condições para fazer um transplante e qual a altura da doença em que será mais indicado fazê-lo.

Qual é a situação actual em Portugal? Os transplantes de fígado começaram a fazer-se há pouco menos de um ano e a capacidade de responder à solicitação dos doentes tem sido reduzida. Foram feitos 11 transplantes entre Coimbra e Lisboa mas as listas de espera são de largas dezenas de doentes.

Infelizmente faleceram vários doentes pouco depois das operações, o que confirma que esta tentativa tem riscos importantes.

De qualquer forma não podemos deixar de nos alegrar por ver que entramos numa era bem mais positiva do que aquela que vivemos até agora, quando nada podíamos propor aos doentes para parar a evolução da doença. E este já é um pequeno grande motivo de esperança.

Porto, 22 de Julho de 1993
Teresa Coelho

INÍCIO DO ENSAIO TERAPÊUTICO POR IMUNODEPURAÇÃO

Na nova Unidade de Imunodepuração do Hospital Geral de Santo António, deu-se início na primeira semana do passado mês de Abril a um ensaio clínico de tratamento da paramiloidose por imunodepuração. Trata-se de um novo método estudado e desenvolvido, ao longo de 6 anos, nos laboratórios do Centro de Estudos de Paramiloidose. Baseia-se na possibilidade de remover selectivamente do sangue dos doentes, por meio de um filtro específico, a substância anormal que dá origem à degenerescência dos nervos.

Este projecto exigiu a construção da nova Unidade de Imunodepuração onde se faz simultaneamente a produção e controle dos filtros e o tratamento dos doentes. Uma longa lista de entidades e individualidades, nacionais e estrangeiras, contribuiu para o financiamento da fase de investigação, para a construção e equipamento da Unidade e para a realização do ensaio. Destaco a contribuição e o apoio da Associação Portuguesa de Paramiloidose, através da sua Direcção e de alguns dos seus Núcleos.

O ensaio no doente, que agora se iniciou, tem o apoio do Hospital Geral de Santo António e do Ministério da Saúde. Médicos, enfermeiros e outros técnicos de diversos Serviços e Laboratórios do Hospital Geral de Santo António participam activamente neste projecto. Para dar ideia da complexidade do apoio hospitalar, saliento a participação dos Serviços de Hematologia Clínica, Nefrologia, Neurologia, Neurofisiologia, Cirurgia Vascular, da Unidade de Cuidados Intensivos, dos Laboratórios de Imunologia e de Bioquímica, bem como de Serviços do Hospital de S. João e do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

O ensaio clínico constará de 3 fases: ensaio piloto em 2 doentes, fase I e fase II. O ensaio piloto, que agora decorre, destina-se a estabelecer as condições técnicas de realização do ensaio. Iniciar-se-á em breve a fase seguinte, fase I, em 4 ou 5 doentes, que se destina à verificação de possíveis efeitos prejudiciais. A fase II (avaliação de eficácia do método) iniciar-se-á no final do corrente ano e terá uma duração prolongada. A selecção de doentes para as fases I e II está em fase de conclusão. A selecção final será feita por sorteio entre os doentes que obedecem aos critérios de inclusão no ensaio e nele pretendam participar. O sorteio realizar-se-á na presença de representantes da Direcção da Associação Portuguesa de Paramiloidose.

Um espaço de tempo considerável decorrerá antes de podermos chegar a conclusões sobre a eficácia deste tratamento. Os doentes e seus familiares deverão ter consciência de que se trata de uma experiência cujos resultados não são garantidos. Temos fundadas esperanças de que resulte benéfico para os doentes e que num futuro não muito distante este método de tratamento possa ser posto à disposição dos doentes.

P. Pinho e Costa

NOTÍCIAS

Foi nomeada pelo Sr. Secretário de Estado da Saúde uma Comissão Consultiva para a Paramiloidose destinada a acompanhar e fazer recomendações sobre os tratamentos por imunodepuração e transplantação hepática. Esta Comissão é constituída por clínicos e cirurgiões de Hospitais do Porto, Coimbra e Lisboa, membros do Conselho Nacional da Ética para as Ciências da Vida e membros da direcção do Centro de Estudos de Paramiloidose.

★

No Hospital Geral de Santo António do Porto foi criada a "Unidade Clínica da Paramiloidose "Corino de Andrade". Esta unidade é constituída pela Consulta de Paramiloidose e pela Unidade de Imunodepuração e destina-se a coordenar a actividade de assistência clínica aos doentes de paramiloidose. É dirigida por uma Comissão constituída pelos directores dos Serviços de Neurologia, Hematologia e Nefrologia e pelo director do Centro de Estudos de Paramiloidose e é presidida pelo Director Clínico do Hospital de Santo António. A sua criação advém do reconhecimento do elevado número de doentes a que há necessidade de prestar assistência e do elevado grau de especialização que essa assistência requer. A nova Unidade funcionará em estreita colaboração com o Centro de Estudos de Paramiloidose e é de esperar que a sua entrada em actividade eleve consideravelmente a qualidade e eficiência dos cuidados prestados aos doentes de paramiloidose naquele Hospital.

★

A Representação da APP no Congresso sobre Paramiloidose em Umea / Suécia

A representação da APP, constituída por dois elementos (um da Direcção Geral - Teresa Vasconcelos, e 1 da Direcção do Núcleo de Lisboa - Manuela Vitorino) chegou a Estocolmo onde foi recebida e acarinhada pela nossa Embaixadora na Suécia.

Amabilíssima, extremamente prestável são os termos com que podemos descrever este nosso representante em País estrangeiro.

Permanecemos um dia e uma noite em Estocolmo, que conhecemos um pouco, passeando de carro e tendo como nosso "motorista" e "guia" a Sr.^a Embaixadora.

Seguimos para UMEA de avião, e aqui, no pequenino aeroporto tinhamos a receber-nos dois elementos da Associação Sueca, o seu Presidente Tom Lindereen e um sobrinho deste, filho do anterior Presidente Sten Lindereen.

Fomos levados ao hotel onde ficamos instalados e onde se iriam realizar a partir do dia seguinte os trabalhos do congresso.

Qualquer uma das duas representantes da APP não parou de ser solicitada para conhecer doentes, falar-lhes experiências da vida quotidiana, suas dificuldades profissionais, sociais e económicas.

Tivemos assim possibilidade de não só assistirmos aos trabalhos científicos que mais poderiam interessar directamente aos doentes portugueses, como também visitar centros de dia propositadamente apetrechados para ensinar e ajudar a adaptar-se à vida diária dos doentes com necessidades motoras. Estes centros são também apetrechados com todo o material fisiátrico necessário aos tratamentos de reabilitação dos doentes.

Considero ser de extrema necessidade e de óptimos benefícios para a APP e seus socios o conhecimento directo das realidades de outros doentes, de outros Países, com outras possibilidades sociais e económicas e também com outra maneira de pensar e viver.

Aplausos para a nossa Associação que após 12 anos de crescimento, começa agora a fazer-se representar com dignidade em qualquer parte do mundo,

Teresa Vasconcelos



MADAME CURIE

1867 - 1934

* Descobriu o rádio e demonstrou o seu poder curativo em certas enfermidades * Livros e artigos : «Radioactividade» — « A Magnetização do Aço Temperado»

Em 1903, Madame Curie era a mulher mais famosa do Mundo. Acabava de receber o Prémio Nobel de Fisica, juntamente com Pierre Curie e Henri Becquerel. Parangonas sensacionais na imprensa, milhares de cartas de caçadores de autógrafos, inúmeras propostas para conferências públicas, mensagens de «espíritos desencarnados» transmitidas com «colaboração» de médios em transe, banquetes, honrarias, títulos, repórteres, fotógrafos, curiosos — tudo isso se abatava sobre ela, numa avalanche de hosanas que, embora merecidos, não eram desejados. Fabricantes de artigos comerciais solicitavam-lhe apreciações a respeito dos seus produtos. Um criador de cavalos pediu-lhe permissão para dar o seu nome ao cavalo favorito. Durante muitos anos, o foco luminoso da admiração pública concentrou-se sobre ela, como a mais popular das celebridades — exceptuando uma outra. Uma vez, ao desembarcar de um comboio em Berlim, onde ia proferir uma conferência, ela teve a agradável surpresa de não ter ninguém a esperá-la. A multidão acorrera a outra parte da plataforma, onde Jack Dempsey desembarcava do mesmo comboio. A primeira física do Mundo não despertava tanto interesse como aquele pugilista que, aliás, era também o maior do Mundo.

Madame Curie votava o mais profundo desprezo às honrarias e arrebatamentos da glória. Sentia-se como uma prisioneira acorrentada e conduzida a contragosto num desfile triunfal. Aliviava para o lado os chapéus, vestidos, medalhas e títulos assim que os recebia. As únicas coisas que ela conservava consigo eram os menus dos banquetes, onde figurara como convidada-mártir. «Estes menus, feitos de papel grosso e forte, são tão cómodos para anotar os meus cálculos matemáticos!»

Referindo-se à mais modesta das mulheres célebres, o mais modesto dos homens célebres — Albert Einstein — comentou uma vez:

«Maria Curie é, entre todas as pessoas de nomeada, a única que a fama não corrompeu.»

II

Manya Sklodovska, mais tarde conhecida como Marie Curie, descendia de uma família polaca de nobres e honestos camponeses. Os seus progenitores tinham-se elevado da gleba à atmosfera rarefeita da educação superior. O pai era professor de Física no Liceu de Varsóvia, e a mãe era pianista emérita. Manya — apelido carinhoso derivado de Marya — herdou a cabeça do pai e as mãos da mãe. Revelou uma aptidão precoce para a ciência experimental. Mas os pais não permitiam que nenhum dos cinco filhos estudasse muito. Havia uma propensão para a tuberculosa na família. Sempre que Manya se absorvia nos livros, a Sr.^a Sklodovska punha docemente a mão na cabeça da filha e dizia-lhe: «Vai brincar no jardim, Manyusha. Está um tempo tão lindo!»

Todas as noites, as crianças rematavam as orações com a seguinte frase: «Meu Deus, melhora a nossa mãe.»

Porém, a Sr.^a Sklodovska não tardou a deixar seus filhos — eram quatro agora; um deles havia morrido de tifo. Manya contava apenas dez anos quando ficou sem mãe.

Era uma família triste e empobrecida a que se reunia em torno da mesa, após o falecimento da Sr.^a Sklodovska. O pai de Manya perdera o lugar no liceu por ter a aspiração de libertar a Polónia da tirania czar russo. Abriu uma escola particular, mas com resultados medíocres. A manutenção da família (alimentar, vestir e educar os filhos) parecia tarefa superior às suas limitadas forças. Num esforço desesperado, procurou investir as suas escasas economias em negócios, na esperança de poder igualar o numerador dos seus haveres ao denominador das suas necessidades. Mas perdeu todo o dinheiro. Não lhe restava nada que o fizesse confiar no futuro.

Nada, a não ser quatro filhos de superior inteligência e fibra extraordinária. Todos eles estavam destinados a elevar-se da pobreza à iminência, pois traziam em si o vigor do solo polaco.

E os anelos do coração polaco. A aspiração de uma alma livre num corpo acorrentado. Os rapazes Sklodovska, tal como seus pais, eram rebeldes. Lutavam contra a adversidade e contra a tirania. Todas as manhãs, quando Manya se dirigia para a escola, passava diante de uma estátua dedicada «aos polacos fiéis ao seu soberano» — isto é, aos polacos infelizes à sua pátria.

A rapariga nunca se esquecia de cuspir nessa estátua, embora para o fazer, se arriscasse a chegar tarde ao colégio.

A pequena e corajosa rebelde exprimia o seu desprezo pela tirania, não só na ausência dos opressores, mas também na sua presença. Entre os mestres que representavam o governo estrangeiro imposto à Polónia, contava-se a Sr.^a Mayer, uma alemã que ocupava o posto de superintendente dos estudos. Essa «espia sorradeira de sandálias silenciosas» era uma mulherzinha dotada de prodigiosa capacidade para o ódio. Procurava tornar a vida insuportável aos alunos polacos — principalmente «àquela menina Sklodovska», que se atrevia a responder-lhe às observações ferinas com um sorriso desdenhoso. E Manya nem sempre se contentava com um simples sorriso de mudo desprezo. Um dia, a «espia» tentou alisar com a mão rude os indisciplinados anéis do cabelo de Manya. Em vão. Os cabelos de Manya, como o seu espírito, recusavam submeter-se às imposições dos tiranos. Exasperada com «a cabeça caprichosa e os olhos altivos» da sua aluna polaca, a Mayer gritou por fim:

— Deixe de me fitar dessa maneira! Proíbo-a de me olhar assim!

E Manya, que era bem mais alta do que a Mayer, respondeu brandamente:

— Não posso olhá-la de outro modo, Mademoiselle.

Contudo, apesar da sua rebelião, Manya recebeu a medalha de ouro ao terminar o curso secundário (em 1883). Era já normal que os Sklodovska conquistassem os mais altos prémios escolares. Por esse tempo, havia três medalhas na família.

«E agora», pensou o pai de Manya, «basta de estudos por enquanto. Ela precisa de passar um ano no campo, a fim de se robustecer. Não quero que ela morra tuberculosa, como a sua pobre mãe.»

Manya acedeu gostosamente à sugestão paterna, pois amava tanto as diversões como o trabalho. Entregou-se «de corpo e alma» ao prazer da ociosidade. «Minha querida diabinha», escreveu à sua

condiscípula Kazia, «mal posso acreditar que existam no Mundo coisas como a Geometria e a Álgebra.» Passava os dias de Verão a caminhar pelos bosques, baluçando-se, nadando, pescando, ou simplesmente deitada na relva, a ler — «nada de livros sérios, asseguro-te; somente novelzinhos absurdos e inofensivos». E passava as noites e dias de inverno... dançando. Aquelles bailes polacos. Começavam ao pôr do Sol, continuavam por etapas, pois os dançarinos iam de granja em granja, com os rebequiistas à frente; passavam toda a noite a dançar, e assim os vinha encontrar a aurora e o anoitecer do dia seguinte, e o alvorecer do outro dia. A mais infatigável e mais graciosa das jovens era Manya Sklodovska.

«Todos os rapazes de Cracóvia me convidaram para dançar... rapazes muito bonitos... não podes imaginar como foi delicioso... Eram oito horas da (segunda) manhã quando dançámos a última peça — uma mazurca.»

Depois disso, ela teve de deitar fora as sandálias de couro vermelho, pois «as solas tinham deixado de existir.»

III

Terminado o ano de férias, voltou a Varsóvia e às incertezas do futuro. Sua irmã mais velha, Bronya, queria estudar na Sorbonne, em Paris. Manya também. Mas a família não possuía fundos suficientes para custear os estudos universitários de uma só, quanto mais de duas. Parecia um problema insolúvel. Manya, entretanto, achou a solução. «Eu tentarei arranjar um emprego, e assim poderei ajudar-te a estudar. Depois de alcançares o teu diploma, será a tua vez de me ajudares.»

Parecia um plano pouco viável, mas deu bom resultado.

Manya tornou-se «dama de companhia» da família da Sr.^a B., mulher estúpida, vulgar e intolerante, que poupava o azeite das candelas e esbanjava o dinheiro em jogos de cartas. «A existência», escreveu a jovem governanta, «tornou-se-me intolerável... Não desejava que a minha pior inimiga vivesse em semelhante infimo.» Por sorte, conseguiu trocar essa posição por outra em casa de uma família um pouco mais inteligente. A Sr.^a Z., sua nova «ama», era tão intolerante como a primeira, mas não tão estúpida. «A Sr.^a Z., tem mau génio, mas não é má... Alguns dos seus filhos — o ela tem uma chusma deles — são verdadeiramente deliciosos.»

Principalmente Casimir, o mais velho. Estudante universitário em Varsóvia, viera passar as férias em casa e prontamente se enamorara da linda Sklodovska, que não somente sabia falar como uma mulher instruída, mas também sabia dançar como uma deusa. E Manya, afectuosa, sensível e solitária, correspondera ao seu amor.

Mas não deviam casar-se. A mãe de Casimir não queria aceitar uma governanta na família — esquecendo que ela própria tinha sido governanta, em solteira. Manya pensou por algum tempo em suicidar-se:

«Sepultei num total esquecimento os meus planos», escreveu a uma prima. «As mulheres são muito resistentes para as cabeças que tentam demolí-las... Tenciono dizer adeus a este mundo desprezível. Pequena será a perda, e não me lamentarão por muito tempo...»

Mas conseguiu vencer desalentos. Os Sklodovska não pertenciam ao tipo suicida. Manya tomou à sua existência quotidiana, parca e trabalhosa, e continuou a manter Bronya na Sorbonne. A mais velha, graças à ajuda da irmã e a um talento inato para suportar as torturas da fome, conseguiu diplomar-se em Medicina, à força de estudos e privações. Casou-se com Casimir Dluski, seu colega de faculdade, e achou-se em condições de cumprir a sua parte do contrato com Manya. Por fim, a jovem governanta pôde ver realizado o seu sonho ardente. A Sorbonne!

IV

Marie Sklodovska — afrancesara o seu nome de baptismo — aluna da Faculdade de Ciências; idade, vinte e três anos, cabelos,

louros-acinzentados; personalidade, taciturna; capacidade, excepcional. Tomava sempre lugar na primeira fila durante as aulas, mas, assim que estas terminavam, escoava-se para fora como sombra. A triste experiência que tivera das convenções vigentes incutira nela funda aversão a toda a espécie de ligações sociais. «Lindos cabelos, lindos olhos, corpo de rapariga», comentavam os rapazes da Universidade. «O único inconveniente é que ela não fala com ninguém.»

Durante quatro anos, «levou uma vida monge». Vivia só, para não ser pesada à irmã. Alugara uma água-furtada num sexto andar do Quartier Latin. O aposento recebia luz unicamente por uma estreita abertura no tecto inclinado. Não tinha água nem aquecimento. Ali, naquela mansarda, vivia de uma dieta de pão, manteiga e chá — só raras vezes se permitindo o luxo de comer um ovo ou fruta. No Inverno, atirava um punhado de carvão para uma estufa pequenissima e ficava a resolver as suas equações com os dedos entorpecidos até muito tempo depois de o lume estar apagado. Por volta das duas horas da manhã, ia deitar-se numa cama de ferro, onde mal chegava a aquecer, devido aos cobertores serem poucos.

Certo dia, uma colega foi contar aos Dluski que Manya desmaiara na sua frente. Casimir correu à água-furtada de Manya e encontrou-a a estudar as lições do dia seguinte.

— Que foi que comeste hoje?

Manya ergueu os olhos com um sorriso evasivo.

— Hoje? Não me lembro.

— Vamos, Manya. Nada de subterfúgios. Que foi que comeste hoje?

— Ora, cerejas... e mais coisas.

Por fim, o cunhado conseguiu fazê-la confessar. Nas últimas vinte e quatro horas comera apenas um molho de rabanetes e um punhado de cerejas. Muito contra a vontade da rapariga, Casimir levou-a para sua casa e Bronya alimentou a irmã e fê-la descansar por alguns dias. Depois, apesar dos protestos dos Dluski, Manya voltou às suas águas-furtadas, à sua fome e aos seus livros.

Vivia no mundo dos livros. E das aulas. A despeito da pobreza e da fome, estia-se como uma aventureira intrépida navegando num mar desconhecido. E tencionava explorar cabalmente esse mar, continuando a singrá-lo dia a dia, num horizonte cada vez mais dilatado. Física, Química, Matemática, Poesia, Música, Astronomia — tudo isso viera a ser incluído nos seus domínios intelectuais. Mas, acima de tudo, interessavam-na as experiências. Via no laboratório um delicado instrumento musical, em cujas teclas, com os dedos ágeis que herdara da mãe, procurava constantemente combinar os velhos sons em novas melodias.

Os professores, encantados com a sua imaginação, entusiasmo e habilidade, enstigavam-na a empreender novas pesquisas. E um dia, animada pelo seu êxito, anunciou que pretendia especializar-se, não numa única matéria, mas em duas: Física e Matemática.

E conseguiu-o. Realizou primeiramente o exame de formatura em Física (1893), e depois em Matemática (1894).

Passou em breve período de férias na Polónia, e logo regressou a Paris — e ao seu segundo amor. Depois do primeiro e infeliz mergulho no vórtice da paixão romântica, ela jurara dedicar o resto da vida à paixão exclusiva pela Ciência. Os homens não lhe interessavam.

Por esse tempo vivia em Paris um jovem, Pierre Curie, a quem mulheres não interessavam. Também ele consagrara a vida exclusivamente às actividades científicas.

Um dia, os dois conheceram-se em casa de Kovalski, professor polaco de Física que se encontrava de visita a Paris.

«Quando entrei», escreveu Marie, «Pierre Curie estava no recesso da janela, junto a uma porta que levava à galeria. Pareceu-me muito novo, embora contasse trinta e cinco anos. Impressionou-me a expressão franca do seu olhar e um certo ar de negligência no seu porte elevado. Gostei da sua maneira de falar, lenta e reflectida, da sua simplicidade e do seu sorriso, ao mesmo tempo grave e juvenil. Começámos a conversar sobre assuntos científicos... e, antes que dássemos por tal, estávamos amigos.»

Pierre Curie, filho de um físico francês, obtivera o grau de bacharel em Ciências aos dezasseis anos e de professor de Física aos dezoito. Quando conheceu Marie, era chefe do laboratório da Escola de Química e Física de Paris. As suas realizações tinham-lhe

conquistado já um lugar na primeira fila dos cientistas franceses. Formulara o princípio da simetria na estrutura dos cristais. Em colaboração com seu irmão Jacques, descobrira o importante fenómeno da piezo-lectricidade — isto é, o desenvolvimento de electricidade por meio da pressão. Inventara um novo aparelho para a medição exacta de pequenas quantidades de fluido eléctrico. E construíra um instrumento ultra-sensível — conhecido como Balança Curie — para verificação dos resultados dessas experiências científicas.

Por todos esses trabalhos, recebia do Estado a ridícula remuneração de trezentos francos mensais.

Foi com esse rendimento exíguo que ele timidamente propôs casamento à menina Sklodovska; e a menina Sklodovska — com igual timidez, impõe-se dizê-lo — aceitou.

E da união de ambos resultou, não apenas uma colaboração científica, mas também uma reciprocidade de amor. Após um casamento sem labelião nem sacerdote — tanto um como o outro eram livres-pensadores — desfrutaram uma lua-de-mel igualmente despreziosa, pedalando pelas estradas da Ile-de-France. Depois, voltaram a Paris e consagraram-se à obra que devia trazer glória ao nome de Curie, e alívio e um Mundo sofredor.

V

Marie encarregou-se dos trabalhos caseiros, deu à luz uma menina, e depois outra, estudou para o seu doutoramento em Física, e conquistou uma bolsa de estudos com a sua monografia sobre a magnetização do aço temperado, passando o resto do seu tempo a colaborar nas experiências do marido. Os médicos advertiram-na de que o seu pulmão esquerdo estava afectado por uma lesão tuberculosa — a doença congénita dos Sklodovska. Aconselharam-na a ir para um sanatório. Marie não quis saber de tal coisa. Andava muito absorvida pelos trabalhos de laboratório. Ela e Pierre tinham-se interessado pelas experiências de Henri Becquerel. Este eminente físico francês, ao examinar os sais de «um metal raro», o urânio, descobrira que emitiam um raio aparentemente capaz de penetrar os objectos opacos. Um composto de urânio que ele pusera sobre uma chapa fotográfica envolvida em papel negro, impressionara a chapa através do papel. Isso foi ao que parece, a primeira vez que alguém observou as estranhas propriedades penetrantes de certos raios.

Qual era a natureza dessa misteriosa propriedade atravessar os objectos opacos? E de onde provinha essa energia peculiar? Conseguir responder a tais perguntas eis o que fascinava os espíritos de Marie e Pierre Curie. Era assunto para um estudo original, uma tese que realmente fazia jus a um grau de doutor na Sorbonne!

Tal foi o entusiástico mas humilde começo das pesquisas que levaram à descoberta do rádio. Marie tomara o caminho de um doutoramento comum. E, no fim do caminho, encontrou... o Prémio Nobel da Física.

Mas a viagem por esse caminho foi longa, penosa, exaustiva. Somente um homem e uma mulher de poderosa imaginação e de suprema coragem poderiam ir até ao fim sem vacilar.

Quase desde o princípio encontraram dificuldades que se afiguravam insuperáveis — e superaram-nas. O laboratório que o director da Escola de Física lhes cedera para as experiências era um velho e arruinado barracão de madeira. Nesse tugúrio, húmido e frio — durante o Inverno, a temperatura média do laboratório era 44º Fahrenheit (cerca de 6,7 centígrados) — a pioneira tuberculosa e o marido mergulharam resolutamente no desconhecido. Com a sua precária aparelhagem, investigaram a natureza do urânio e descobriram que a misteriosa radiação desse metal era uma propriedade atómica. Então, o lampejo de uma grande ideia iluminou o cérebro de Marie. Talvez o urânio não fosse o único elemento químico possuidor do poder de irradiação. Talvez houvesse outras substâncias com um poder ainda maior de «penetrar o impenetrável». Tinha de procurar...

E assim teve começo outra e mais arrojada aventura nos mares ignotos. A Sr.^a Curie submeteu todos os corpos químicos conhecidos,

um por um, a uma prova rigorosa. E não tardou a encontrar o que procurava. O urânio não era o único elemento que possuía o misterioso poder de irradiação. Outro metal, o tório, tinha o mesmo poder, em grau mais ou menos igual. A esse poder, Madame Curie deu o nome de radioactividade — a activa propriedade penetrante de certos tipos de raios.

Mas isto foi apenas o começo da sua investigação. Ao examinar alguns compostos do urânio e do tório, encontrara uma radioactividade muito mais forte do que se poderia esperar da quantidade de urânio ou de tório existente nos compostos. De onde provinha esse extraordinário poder de radiação? Tal pergunta só admitia uma resposta — os corpos examinados deviam conter um elemento químico de radioactividade muito superior à do urânio ou do tório. Mas Madame Curie já estudara todos os elementos químicos conhecidos, e não encontrara uma radioactividade tão poderosa em nenhum deles. Portanto — concluiu ela — devia existir um elemento químico até então desconhecido que possuísse aquele poder radioactivo. Um novo elemento!

Um dia, foi visitar sua irmã, com o coração ofegante.

— Imagina, Bronya; a radiação que eu não podia explicar vem de um novo elemento químico. O elemento está ali, e eu tenho de encontrá-lo!

Pôs-se então à procura da nova substância. Era no minério de pecheblenda — um óxido de urânio — que ela observara o tremendo poder de radiação. A misteriosa fonte de poder achava-se oculta naquele minério. A parte mais radioactiva da pecheblenda — pensou Madame Curie — devia representar uma fracção extremamente pequena do minério em estado bruto, pois, então, nenhum cientista conseguira descobri-la. Talvez o novo elemento não chegasse a construir mais de um por cento da pecheblenda, concluía a jovem e cautelosa cientista polaca. Qual não teria sido o seu espanto se compreendesse então que o novo elemento que ela procurava isolar constituía apenas um décimo-milésimo de um por cento, ou seja uma milionésima parte, do minério de pecheblenda!

Marie e Pierre — os dois trabalhavam sempre juntos nessas investigações — tinham agora a certeza de se acharem no limiar de uma nova descoberta. Mas como transpor esse limiar? A pecheblenda, de que esperavam poder isolar o novo elemento, era um minério de alto preço. Extrai-se na Boémia, para a obtenção dos sais de urânio empregados no fabrico do vidro. Uma tonelada de pecheblenda, com o urânio que continha, achava-se muito além da bolsa dos Curie. Era um problema aparentemente insolúvel.

Mas resolveram-no. Se o novo elemento — reflectiam eles — existia na pecheblenda e era, contudo, diferente do urânio, então poderia ser isolado dos resíduos da pecheblenda depois da extração do urânio. Esse resíduo era considerado quase sem valor. Os Curie podiam obtê-lo em consideráveis quantidades por pouco mais do que o custo do transporte.

E assim aqueles dois «esquisitos» cientistas, para espanto de toda a gente, começaram a encomendar toneladas e mais toneladas de «lixo» para o seu alpendre. E quando chegou o «lixo», começaram a atirá-lo às pazadas para um velho fogão de ferro fundido, com chaminé enterrujada. Passaram quatro anos nessa tarefa, como um casal de fogueiros no porão de um navio — atirando pazadas, ofegando, tossindo, devido aos vapores nocivos, esquecendo a sua situação desconfortável e preocupados com um único pensamento: arrancar ao metal em brasa o segredo do novo elemento.

Por fim conseguiram arrancar o segredo — os dois segredos.

Pois, em vez de um, encontraram dois elementos — uma substância a que deram o nome de polónio, em homenagem à pátria de Marie e outra substância que denominaram rádio.

A natureza do polónio já era assombrosa. Tinha uma radioactividade muitíssimo superior à do urânio. Mas a natureza do rádio excedia em um milhão e meio por cento a do urânio.

VI

Era costume dos agraciados com o Prémio Nobel irem recebê-lo pessoalmente a Estocolmo. Mas os Curie não podiam realizar a viagem. Estavam muito doentes. Tranquila, modesta e humildemente,

continuaram a trabalhar — e a sofrer privações. Gastavam em novas experiências todo o dinheiro de que dispunham, gloriosamente esquecidos dos seus interesses pessoais. Quando se demonstrou o valor terapêutico do rádio — entre outras coisas, tinha-se descoberto a sua eficácia no tratamento do cancro — os amigos insistiram para que o casal patentearse o processo de extração do metal. Isso ter-lhes-ia proporcionado uma fortuna considerável, porquanto se calculava o valor do rádio em setecentos e cinquenta mil francos o grama. Mas os Curie recusaram-se a tirar proveito da sua descoberta. «O rádio é instrumento de misericórdia, e pertence à Humanidade.»

Recusavam, não somente o lucro pessoal, mas também as honrarias. Tudo o que pediam ao Mundo era que lhes dessem um bom laboratório para prosseguimento das suas experiências. Quando o decano da Sorbonne escreveu a Pierre, participando-lhe que o ministro propusera o seu nome para a Legião de Honra, Pierre — secundado por Marie — respondeu nestes termos: «Tenha a bondade de agradecer ao ministro e informá-lo que não sinto a menor necessidade de ser condecorado, mas que tenho extrema precisão de um laboratório.»

Noutra ocasião, todavia, Pierre permitiu que propusessem o seu nome para um posto honorífico. Os colegas insistiam para que se candidatasse à Academia de Ciências — não tanto pela honra em si, como pela facilidade, que isso lhe traria, de conseguir o cargo de professor na Sorbonne. E um laboratório.

Com relutância, Pierre iniciou uma série de visitas aos membros da Academia. Era de praxe que cada candidato fizesse tais visitas e «mostrasse» as suas habilitações para o cargo que se propunha exercer. Eis a descrição, feita por um jornalista parisiense, da «campanha» de Pierre para entrar na Academia: «Subir escadas, tocar campainhas, fazer-se anunciar, explicar a que vinha — toda esta dependência e sujeição o enchia de vergonha, contra a sua vontade. Mas, o que era ainda pior, tinha de apresentar os seus títulos, expor a boa opinião que fazia de si próprio, e alardear os seus conhecimentos e realizações — uma provação que lhe parecia superior às forças humanas. Assim, punha-se a elogiar sincera e eloquentemente o seu adversário, dizendo que M. Amagat estava muito mais habilitado do que ele, Curie, para entrar na Academia...»

A Academia elegeu M. Amagat.

Pierre via sempre coroado de êxito os seus esforços por fugir à notoriedade. O mesmo se dava com Marie. O seu melhor disfarce para evitar que a reconhecessem era usar nenhum disfarce. À primeira vista, ninguém desconfiaria do que a jovem camponesa de modesto vestido preto fosse a festejada cientista que recebera o Prémio Nobel. Certo dia, um repórter americano, na pista dos Curie, ouviu dizer que o casal estava a passar férias em La Pouldu, aldeia de pescadores na Bretanha. Ao chegar à povoação, informou-se do caminho que levava à cabana dos Curie. Encontrou uma mulher jovem e modesta, sentada no umbral da porta.

— É a governanta? — perguntou.

— Sou.

— A dona da casa está?

— Não. Saiu.

— Sabe se ela demora a voltar?

— Creio que sim.

— Podia revelar-me alguma coisa sobre a vida íntima de Madame Curie? — perguntou o repórter, sentando-se a seu lado.

— Nada — respondeu Marie — a não ser uma mensagem que ela me pediu que transmitisse aos jornalistas: Tenham menos curiosidade e sejam mais curiosos acerca das suas ideias.

VII

Finalmente Pierre Curie foi admitido na sociedade dos seus colegas menos competentes e que, portanto, eram invejosos. «Encontro-me na Academia sem ter desejado entrar lá, e sem que a Academia tenha desejado a minha presença.»

Depois de vários encontros com os colegas, Pierre escreveu a um amigo: «Ainda não descobri qual é a utilidade da Academia. — Contudo, ela foi-me de grande utilidade — habilitou-o a conseguir

a nomeação para a Sorbonne. E, juntamente com a nomeação, veio o oferecimento de um laboratório bem equipado, la realizar-se o grande sonho dos Curie.

E então, numa chuvosa manhã de Abril de 1906, Pierre saiu de casa para visitar o seu editor. Algumas horas depois, trouxeram a Marie o corpo exânime do marido. Escorregara no pavimento molhado, e uma pesada carroça passara-lhe por cima.

Acabara-se a felicidade de Marie. Mas não a sua tarefa. Aceitou a oferta de substituir o marido na Sorbonne — era a primeira vez na história da França que uma mulher exercia um cargo docente no ensino superior. Continuou as suas experiências no novo laboratório de Pierre, de que se tornara directora. Cuidava dos filhos. Preparava artigos sobre as suas pesquisas. E, todas as noites, antes de se deitar, escrevia ao querido morto um relato íntimo dos seus pensamentos. Era como se escrevesse uma carta a uma pessoa que não tivesse ainda morrido.

«Ofereceram-me o posto de tua sucessora, meu Pierre; o teu curso e a direcção do teu laboratório. Aceitei. Não sei se fiz bem ou mal...»

«Meu Pierre, penso em ti constantemente. Sinto a cabeça rebentar, e a razão turbante. Não posso conceber que, de ora avante, terei de viver sem ti...»

«Meu Pierre, quero contar-te que o laburno está em flor, e a glicínia, o pilriteiro e o lírio começam a florescer — ficarás encantado ao vê-los...»

«Já não amo o Sol e as flores. Fazem-me sofrer. Sinto-me melhor nos dias escuros, como o da tua morte, e se não aprendi a abominar os dias formosos é por serem necessários aos meus filhos...»

Era por amor aos filhos que ela continuava — e por amor à

Humanidade. Um pouco mais de trabalho para minorar os padecimentos dos seus semelhantes. Em 1911, quando recebeu o Prémio Nobel pela segunda vez, acalhou-o apenas por lhe proporcionar uma oportunidade de ampliar o âmbito das suas pesquisas. O poder curativo do rádio — era essa agora a suprema preocupação da sua vida. Quando rebentou a guerra de 1914, foi ela que dirigiu pessoalmente a instalação de aparelhos de raios X para o tratamento dos soldados feridos. Percorria o país de um extremo a outro — um arjo de misericórdia, como um belo rosto branco e dedos doloridos, queimados pelos ácidos.

Apesar da fadiga, das dores e dos desgostos, estava sempre pronta a dispensar um sorriso animador e uma palavra carinhosa.


— Vai doer? — perguntavam os soldados aterrorizados, quando viam o enorme e austero aparelho de raios X.

— Absolutamente nada — era a sua invariável resposta. — É o mesmo que tirar o retrato.

Terminou a guerra. Viagens, honrarias, entrevistas, medalhas, conferências, banquetes — e trabalhos e tristeza. E, até ao fim, a mesma «inaptidão incurável» para o êxito material. «Os sonhadores», dizia, «não merecem a riqueza, porque não a desejam.»


Aproximava-se o fim do seu sonho. «Ah, como estou cansada!» — murmurou um dia, ao voltar do laboratório para casa. Na manhã seguinte, não pôde levantar-se da cama. Os médicos que vieram examiná-la não conseguiram diagnosticar. Parecia influenza, tuberculose, anemia perniciososa — e contudo não era nenhuma dessas enfermidades. Só depois da sua morte puderam determinar a verdadeira natureza do mal. Era o «envenenamento pelo rádio» — a destruição progressiva dos órgãos vitais por uma vida de excessiva exposição às irradiações.

Madame Curie morrera mártir do seu trabalho.



a terapêutica
das neuropatias
periféricas

NEUROSIDO
gangliosidos



cooperativa operária
gráfica almada,
c. r. l.



almagráfica

Obras de Livro
Especialidade em Trabalhos
comerciais, simples e de
fantasia
Encadernação • Offset

Rua Almada, 535/38 - 4000 PORTO
Telef./ Fax. 200 6166



LUDWIG VAN BEETHOVEN
1770 - 1827

* Vocais: Missa em Dó, Missa em Ré (Missa Solemnis) — 10 Cantatas — Ópera: Fidélio — Mais de 250 Canções — Oratória: Cristo no Monte das Oliveiras * Instrumentais: 9 Sinfonias: Heróica, Pastoral, Coral (Nona Sinfonia), etc. — Aberturas: Egmont, Coriolano, Fidélio, Ruínas de Atenas, Leonora (1-4) — Concertos para piano e violino — 16 Quartetos para cordas — Sexteto para instrumentos de cordas e de sopro — 13 Trios — Perto de 50 sonatas e mais 100 peças menores.

Bach foi o matemático da música; Mozart, o poeta; Beethoven, o filósofo. No jardim do espírito humano, é a semente da Filosofia a última que cresce.

Beethoven não foi criança prodígio. Nem foi sequer precoce como rapaz. Causou pouca impressão sobre os seus mestres. «Beethoven», dizia Albrechtsberger, que tentava ensinar-lhe composição, «nunca aprendeu e nunca aprenderá coisa alguma. Como compositor é um caso perdido.» O próprio Haydn, que durante algum tempo ensinou harmonia a Beethoven, foi incapaz de reconhecer o génio latente desse jovem filisteu que recusara cortar as próprias asas diante dos voos delicados, de lírica suavidade, do professor. A imaginação de Beethoven assistia em alturas que pairavam acima da visão dos seus mestres. Mas não encontrara ainda uma habitação familiar. Somente aos trinta anos, em 1800, é que viria a compor a sua «Primeira Sinfonia».

Como pianista, porém, prometia cedo. Os dedos curtos e grossos faziam milagres com o teclado. O pai, maestro da corte do Eleitor de Bona, principiou a ensinar-lhe aos quatro anos de idade piano e violino, ao mesmo tempo. Sem experiência, imprevidente e pobre, Johann van Beethoven almejava educar o filho talentoso para ser o arrimo da família. Aos sete anos, Ludwig grajeara habilidade bastante para tocar em público. Aos treze, começou a contribuir para os rendimentos da família com o que recebia como organista-assistente da corte. Quatro anos mais tarde passou algum tempo em Viena, onde recebeu algumas lições de Mozart. A doença da mãe obrigou-o a voltar para Bona. Pouco depois do seu regresso, morreu-lhe a mãe, tuberculosa, e, durante certo período, temeu que a mesma

enfermidade o ameaçasse também.

Nesse meio tempo o pai começara a beber, e Ludwig foi obrigado a tomar sobre os ombros o sustento da família inteira. Além do pai, havia dois irmãos menores, Kasper Anton Karl e Nikolaus Johann. Não lhe era tarefa fácil atender aos mínimos pormenores do governo da casa, pois principiavam a agitar-se dentro dele grandes pensamentos. Aborrecido com o destino, e preocupado com a saúde, tornou-se amargo, sarcástico, mal-humorado. Procedia para com os amigos como um jovem leão enjaulado, os cabelos em desordem, o cenho carregado, os lábios muito apertados, a conversação reduzida a uma rosnadela. Era um companheiro pouco agradável para os membros da orquestra do teatro de Bona, onde tocava violino, e estes chamavam-lhe o «espanhol louco», por causa da tez morena e do génio violento. (É bem possível que nele houvesse sangue espanhol, uma vez que os Beethoven eram belgas, pelo lado paterno, e a Bélgica ter sido ocupada pelos Espanhóis no século XVII).

Possuíam-no tremendíssimos acessos de raiva e acometiam-no igualmente violentos remorsos. «Prezadíssimo, excelente amigo», escreveu ele ao Dr. Wegeler, após uma das suas erupções vulcânicas, «a que odiosa luz me exibiu a mim mesmo! Reconheço que não sou digno da sua amizade... mas, graças a Deus, não foi malícia intencional e deliberada que me induziu a proceder como procedi. Foi a minha indesculpável negligência que me impediu de ver as coisas como elas são. Ah, Wegeler!, não recuse esta mão conciliatória... Vou atirar-me aos seus braços... Peça-lhe que se entregue novamente a mim, a este seu amigo penitente, admirador e que nunca o esquecerá.»

Possuía especial habilidade em fazer amigos, a despeito do génio fogoso e da língua mordaz. Os outros admiravam-lhe o espírito puro, indómito e rebelde, e absoluto desprezo das delicadezas excessivas diante das realidades da vida. Embora estranhamente deslocado numa sala de visitas, dominava-a de todo em todo. A figura atlética, atarracada e rude, e o espírito teimoso, positivo e incapaz de transigências, exerciam poderosa fascinação. «Ainda bem», disse um amigo, depois de uma visita de Beethoven à corte, «que você conhece a etiqueta apropriada em presença da nobreza. Ao que Beethoven respondeu: «Devia antes dizer: ainda bem que a nobreza conhece a etiqueta apropriada em presença do génio.»

||

Aos vinte e dois anos, instalou-se permanentemente em Viena. Já tinha, nessa ocasião, capacidade para viver à própria custa, ou, para usar de uma metáfora mais adequada, à custa das próprias mãos, dotadas de força e de técnica que poucos possuíam entre os seus rivais contemporâneos. A sua habilidade ao piano atraiu-lhe a amizade do príncipe Carl Lichnowsky, membro da aristocracia austríaca e devoto apaixonado pela música. O príncipe e sua mulher levaram Beethoven para casa, deram-lhe uma pensão de seiscentos florins (perto de sessenta libras) por ano e apresentaram-no aos círculos sociais mais selectos de Viena.

Durante algum tempo Beethoven procurou assumir o papel de alegre galã. Chegou a dar-se ao luxo de ter um cavalo e uma carruagem. Trajava cores vivas, recebia lições de dança e saía à conquista dos inconstantes corações das damas que lhe outorgavam as suas homenagens. Converteu-se no centro do remoinho social de Viena. Era convidado para todos os lugares. «Venha na próxima quarta-feira se puder», escreveu o barão von Swieten. «Esperamos que às oito e meia esteja aqui e traga no bolso o barrete de dormir.»

Contudo, o rápido girar da roda da admiração produzia-lhe torturas. O seu espírito não nascera para brincar. «Felicidade», dizia ele, «não foi feita para mim; ou melhor, não fui feito para

a felicidade. «O seu génio precisava de solidão para desenvolver-se. Solidão e sofrimento. «Não vim ao mundo para levar uma vida agradável, mas para realizar uma grande obra.» Retirou-se da sociedade e tornou à casca de eremita da sua rebeldia e da sua rudeza. As suas maneiras, muitas vezes, punham à prova a paciência do príncipe e da princesa Lichnowsky. O príncipe chegou a ponto de dizer ao criado que se as duas campainhas, a de Beethoven e a dele, tocassem ao mesmo tempo, o criado devia atender Beethoven em primeiro lugar. «A Arte antes de tudo.»

O temperamento de Beethoven era explosivo, arrogante e triste. Quem sente intensamente, sofre intensamente. Um instrumento afinado com beleza é sensível à dor. Beethoven era um hipocondríaco. A mesma sensibilidade nervosa que lhe proporcionava o génio, proporcionava-lhe também a infelicidade. Queixou-se durante toda a vida de enfermidades reais ou imaginárias. E a dor é real, mesmo quando a doença é imaginária.

Adicionada aos padecimentos físicos, havia a angústia mental. Toda a gente o elogiava como executante, mas ninguém lhe dava valor como compositor. As suas primeiras composições foram consideradas como exercícios bem feitos de um músico que sabia tocar, mas não sabia criar. A criação foi, todavia, a paixão absorvente da sua vida. Mesmo em Bona, o único fim da sua ambição era tornar-se um grande compositor. Lá estava ele, porém, abeirando-se dos trinta anos, ao passo que os sonhos que tão vigorosamente continuavam a pejar-lhe o espírito se dissolviam entre as névoas tênues de trinados e frioleiras sem importância, quando procurava fixá-los no papel.

Beethoven aspirava a realizar-se a si próprio. Certa vez, perguntou-lhe uma senhora se ele não ia assistir às óperas de Mozart. «Não», replicou, «não me interessa ouvir a música dos outros, porque não quero perder coisa alguma da minha originalidade.» Eles ainda viam, dizia aos amigos. Ouvir-lhe-lham a música e ficariam maravilhados diante do novo gigante criador que assomava no horizonte. Os amigos, porém, fitavam-lhe o rosto marcado de varíola e o corpo atarracado de campónio e soltavam uma gargalhada. Aquele homem um gigante criador!? Absurdo!

Todavia, mau grado a inabilidade dos amigos para reconhecer o facto, Beethoven caminhava na direcção acertada. Os seus «trinados e frioleiras sem importância» foram os primeiros rubores aurorais de um novo nascer do Sol. Tomava os alegres e travessos minuets de Haydn e transformava-os em satíricos scherzos de ironia e piedade — o riso dos deuses ante as necessidades do género humano. A sua «Primeira Sinfonia», conquanto lembrasse ainda a música do passado, era uma tentativa instintiva no sentido de um género diferente de música. Uma velha linguagem com nova expressão. Tendo-o compreendido, alguns entre os amigos, esperaram com a respiração suspensa, o desenvolvimento ulterior desse idioma encantador e estranho. A maioria dos críticos, no entanto, limitou-se a sacudir a cabeça e a escamecer desse «campónio que se intitula génio». Aconselharam-no a aferrar-se às formas antigas e a não mergulhar, imprudente, em águas onde perderia o pé.

Não obstante mergulhou, e aprendeu logo a nadar familiarmente naquelas águas estranhas. A sua «Segunda Sinfonia» era um afastamento ainda maior das convenções musicais e dos conselhos dos críticos. No segundo movimento dessa sinfonia, o larghetto, introduziu uma inovação que quase provocou convulsões nestes últimos. Essa inovação era um «tête-à-tête» musical entre os vários instrumentos da orquestra, animado intercâmbio de tagarelícos instrumentais, em que um grupo interrompia outro para ser logo depois interrompido por um terceiro, de forma que o auditório tinha a impressão de ouvir uma brilhante e excitante conversação humana. «Se Beethoven continuar com esta espécie de lixo», disse um dos críticos escandalizados, «as nossas orquestras degenerarão em sociedades instrumentais de debates.»

Beethoven, porém, limitou-se a resmungar contra os críticos

e prosseguiu com as suas experiências. «Algumas mordeduras de mosquitos», dizia, «não podem sofrer um cavalo logoso.» Os críticos, porém, insistiam que a música de Beethoven não era apenas conversa, mas também uma conversa sem gramática, uma linguagem de homem inculco. «De facto», retorquiu Beethoven, «eles estão pasmados e conspiram porque nunca encontraram o que faço em nenhum livro sobre "baixo contínuo"».

Impacientavam-no todos os agulhões que lhe ferreteavam o génio. Quando os críticos observaram, e desta vez com razão, que algumas das suas passagens musicais ultrapassavam a extensão dos instrumentos para os quais tinham sido escritas, deu a seguinte resposta, totalmente lógica, mas adequadamente artística:

«Acreditarão, acaso, que posso pensar num miserável violino quando converso com o espírito?» Seria o mesmo que esperar que um vulcão vertesse as suas lavas em moldes artificiais, preparados por mãos humanas.

III

De conformidade com o seu temperamento ardente, Beethoven estava sempre a apaixonar-se por esta ou aquela mulher. Abstinha-se porém, religiosamente, de invadir o refúgio das pessoas casadas. «Um dos meus princípios fundamentais», dizia, «consiste em não manter com a mulher de outro homem outras relações que não sejam as da amizade.» Talvez seja verdade, como querem alguns críticos, que a castidade seja, em grande parte, mais uma questão de aparência física que de coacção psicológica. É muito fácil para uma pessoa feita conservar-se moralmente pura. Beethoven, decerto não era o tipo de homem destinado a conquistar o coração feminino. Na sua mocidade, propôs casamento a uma bonita cantora de ópera, Madalena Wilmann, mas a proposta não foi aceita. Anos depois, quando lhe perguntaram porque recusara Beethoven, ela replicou a rir: «Porque ele era muito feio, e meio louco.»

Além dos seus outros defeitos físicos, havia a sua progressiva surdez, que principiara a aumentar logo depois de terminar a «Primeira Sinfonia». Surdez e romance nunca se deram muito bem. As palavras ternas de afecto são murmuradas e não pronunciadas aos gritos. As mulheres que rodeavam Beethoven admiravam-no, compadeciam-se dele, chegavam às vezes a adorá-lo; nunca, porém, o amaram. Faziam chover convites sobre ele para dar concertos em suas casas. Tão numerosos eram, às vezes, esses concertos que Beethoven se via obrigado a começar alguns às seis da manhã. Não obstante, lograva sempre preencher a «capacidade da casa». Era um período de virtuosismo musical. «Em Viena», observou o famoso pianista Huemmel, «havia uma centena de senhoras que tocavam piano melhor do que eu.» E essas senhoras ensaiavam por ouvir e aplaudir Beethoven, embora não ansiassem por namorá-lo. Não se namora um Deus — em especial feio e surdo.

A surdez de Beethoven era-lhe quase insuportável, pois não somente o isolava da sociedade, como também o apartava dos sons da própria música. «Esta aflicção», escreveu ele, «é mais difícil para o artista do que para outro homem qualquer... Não me era possível dizer aos meus amigos: "Falem mais alto, gritem, que sou surdo." Poderia eu porventura proclamar a deficiência de um sentido que em mim havia de ser mais perfeito do que em todos os outros? Não me é dado encontrar recreação na sociedade dos homens, numa conversação requintada, na recíproca permuta de ideias e sentimentos... Devo viver como exilado... Mais um pouco, e teria dado cabo da vida.»

Logo, porém, desistiu da ideia da morte. Tinha algo para viver: a sua arte. «Só a arte me susteve... esvaziei a taça de amargo sofrimento... Este transformar-se-á em beleza dentro da própria alma.» Sofrimento, paciência e trabalho. «Devo-o a mim próprio, ao género humano e ao Todo-Poderoso... Preciso de escrever a minha música... para a glória eterna de Deus.»

Cantar para a glória eterna de Deus e para a fraternidade do

Homem — isso, daí em diante, havia de ser o objectivo principal da vida de Beethoven. Renunciou ao mundo a fim de granjear salvação — salvação através da música. Naquele mesmo momento, nos campos de batalha da Europa, outro homem, como Beethoven, parecia buscar salvação — salvação através da conquista. Beethoven nutria grande admiração por Napoleão, que ele considerava como arquí-inimigo da realeza, e o salvador do género humano. Dedicou-lhe a sua «Terceira Sinfonia». No mesmo instante, contudo, em que se preparava para enviar para Paris o seu trabalho, recebeu a notícia de que Napoleão trairá os seus próprios princípios e se fizera imperador. Num acesso de cólera rasgou o frontispício da obra onde se lia a dedicatória, «Quer dizer que Napoleão não passa de um homem comum», bradou ele, «como todos os outros tiranos, calca aos pés o coração humano!» Substituiu o nome da sinfonia, chamando-lhe Heróica, «em memória de um grande homem»; cujo corpo ainda vivia, mas cuja alma já morrera.

IV

O cinismo de Beethoven aumentou com os anos. Para muitos dos seus contemporâneos, ele não era um génio, mas um excêntrico. Mostrava-se rebugento diante dos amigos, arremessava livros aos criados e insultava os benfeitores. Uma noite ao chegar ao castelo silesiano do príncipe Lichnowsky, encontrou lá um certo número de oficiais franceses que haviam sido aquartelados naquela propriedade. Ao dar com os oficiais de Napoleão em casa do seu protector carregou o cenho, e quando lhe pediram que tocasse para eles recusou-se redondamente. Sabia que o consideravam apenas como uma curiosidade, um pelotiqueiro, um dançarino ou um prestidigitador. O príncipe porém, que hospedava os franceses, insistiu com Beethoven para que accedesse ao pedido dos oficiais. «Ou toca para nós», disse em tom de brincadeira, «ou será encerrado no palácio como prisioneiro de guerra.» Ao que Beethoven, sem pronunciar uma única palavra, saiu impetuosamente do castelo, caminhou três milhas até à aldeia mais próxima debaixo de chuva. Na aldeia, enquanto esperava a diligência, escreveu ao príncipe Lichnowsky:

«Príncipe! O que é de leve e ao acaso e ao nascimento. O que sou devo-o a mim próprio. Já houve e haverá ainda milhares de príncipes. Beethoven existe apenas um!»

O seu sarcasmo mordaz abrangia os alunos. «Terá de exercitar-se bastante e conscientemente», disse a um deles, «antes de reconhecer que não sabe tocar.» Nem sequer diante das discípulas conseguia ter mão em si. «Selvagem? Impetuoso? Sim», escreve a sua famosa aluna, a baronesa Ertmann. «Mas era a impetuosidade e o fogo de um vulcão, das grandes forças da própria natureza, pois havia nele um Titã. Durante as minhas lições, ele rasgava a música em pedacinhos e calcava-a aos pés.»

Contudo, essa fúria exterior morreu», continua a baronesa Ertmann, «foram a delicadeza e a ternura de Beethoven que mais me consolaram.» Nos seus momentos mais serenos, ele era o próprio espírito da generosidade. Não emprestava ao dinheiro outro valor, senão o de algo que podia dar aos seus amigos mais necessitados. E quando um amigo ao pedir-lho, o encontrava desprevenido, dava-lhe uma das suas composições, dizendo-lhe que a transformasse em moeda corrente.

As suas amizades, contudo, eram um mero incidente na sua vida. Era a música a única paixão que possuía. A criação na solidão. «O artista», dizia «traz consigo a própria felicidade... Vivo só, mas não me affijo por isso, pois sei que Deus está mais perto de mim que dos outros.»

Beethoven voltava-se para Deus — e assim nasceu uma nova música. Com a «Terceira Sinfonia» acabara o aprendizado. Daí por diante tomou-se senhor de si. Os anos que se seguiram à primeira aproximação da surdez foram de polifera criação. Um Niágara de música irrompia-lhe do coração — música dramática em «Fidélis», música trágica em «Sonata Appassionata», música

tranquila na «Quarta Sinfonia», e em todos os casos, música de cunho único, original e divino, forjada no metal puro da fantasia de Beethoven. A música de Beethoven, interpretado as ideias de Deus.

Veio então a «Quinta Sinfonia». Seria ocioso acrescentar novas palavras à biblioteca de louvores que já se escreveram a propósito da obra. Basta dizer que a «Quinta Sinfonia» é a primeira expressão total do génio maduro de Beethoven, o Novo Testamento da religião da música — a história da luta do Homem contra o Destino, e da vitória do Homem guiado pelo Céu. É o poema épico da peregrinação do Homem, do sofrimento para a sabedoria, da sabedoria para a coragem, da coragem para a esperança, e desta para a vida eterna.

V

Um dos grandes acontecimentos na vida de Beethoven foi o seu encontro com Goethe. Ele sofrera uma crise de neurastenia e fora, a conselho do médico, fazer uma cura de banhos em Teplitz, na Boémia. Foi aí que o poeta dos sons, veio a conhecer o poeta das palavras. Goethe, já adiantado em anos, causou em Beethoven, mais novo, profunda impressão. «É a jóia mais preciosa da nossa terra», observou. «O aparecimento de tal homem é, a meu ver, a maior coisa que pode suceder numa época.» Quanto à atitude de Goethe em relação a Beethoven, considerava esse jovem — embora na altura o músico já orçasse pelos quarenta anos — como uma «personalidade inteiramente indômita, mas o artista mais sincero que já conheci».

Os dois homens estiveram muitas vezes juntos, durante as férias de Verão em Teplitz. Entabulavam poucas discussões; pois qualquer conversa entre ambos era dificultada pela surdez de Beethoven. Davam todavia grandes passeios, cada qual absorto nas próprias ideias — dois artistas supremos a traduzir a experiência do Mundo em linguagens diversas. De vez em quando, as suas ideias sobre o Mundo entravam em choque violento, como por exemplo na seguinte ocasião: Goethe e Beethoven passeavam pelas ruas de Teplitz, quando toparam com toda a família real, inclusive a imperatriz da Áustria e os diversos arquiducos. Goethe cedeu o passo aos que se aproximavam, tirou o chapéu e inclinou-se profundamente. Beethoven, entretanto, prosseguiu no seu caminho, atravessando o grupo com os braços cruzados e o chapéu enterrado na cabeça. Goethe escandalizou-se com essa «grosseria descorês» de Beethoven, e muitos biógrafos deste último concordam neste ponto com o poeta. Mas não será este, acaso, um modo de ver pouco objectivo do problema? Seria mais rude da parte do génio mostrar aos reis o seu desprezo, do que da parte dos reis mostrar o seu desprezo ao génio? Seria indício de boas maneiras da parte de um nobre atirar um músico pela escada abaixo a pontapés, e indício de grosseria da parte de um músico erguer-se orgulhosamente diante de um nobre? Parece antes que a filosofia política de Goethe era de um escravo, enquanto a de Beethoven a de um homem livre. E a submissão de um escravo não é melhor indício de boas maneiras do que a afirmação consciente de um homem livre. A diferença de atitudes de Goethe e Beethoven jaz muito acima das simples artificialidades superficiais das boas ou más maneiras convencionalizadas em certas sociedades. É uma diferença de princípios, profundo desencanto no que concerne os valores reais da vida. Para Goethe a realeza era muito mais importante do que o génio. Para Beethoven, o génio era mais importante que a realeza.

E antes de mudarmos de assunto, não nos esqueçamos da coragem de Beethoven. O seu sustento dependia quase que da boa vontade dos seus benfeitores, quando não reais, aristocráticos. Três deles, com eleito, o arquiducos Rodolfo, o príncipe Ludkowitz e o príncipe Ferdinand Kinsky, haviam combinado dar-lhe uma pensão anual de quatrocentos florins (quarenta libras aproximadamente). Por uma razão, ou por outra, no entanto, raramente era paga integralmente a referida

pensão. Do ponto de vista financeiro, Beethoven foi obrigado a lutar durante a maior parte da sua vida. A submissão de Goethe, menos ideal, era na verdade mais prática. Caprichava em jamais ofender os seus reais protectores em Weimar. E recebia com pontualidade as suas pensões.

V I

Em relação aos parentes, Beethoven demonstrava a mesma personalidade com que se apresentava ao resto do Mundo — uma postura taciturna e um coração terno. Um dos seus irmãos mais novos prosperara como droguita; Beethoven, contudo, apesar de toda essa prosperidade não se mostrava mais respeitoso com ele. Ingenuamente, orgulhoso dos seus triunfos, o irmão Johann gabava-se deles em todas as ocasiões. Andava principalmente desejoso de propagandear o facto de haver comprado uma sumptuosa propriedade na provincia de Gneixendorf. Num dia de Ano Novo, estando Beethoven sentado à mesa do jantar, trouxeram-lhe um cartão de visita:

Johann van Beethoven
Gutsbesitzer (Proprietário de terras)

Beethoven pegou no cartão e escreveu nas costas

Ludwig van Beethoven
Himsbesitzer (Proprietário de um cérebro)

Para o seu irmão Kaspar, entretanto, demonstrou Beethoven uma disposição inteiramente diversa. Empregou-o durante algum tempo, como secretário, e, quando Kaspar morreu, Beethoven encarregou-se da tutela do sobrinho, Karl, que nessa altura contava nove anos.

Ao fazê-lo tomou sobre si um fardo que se transformou num flagelo para o resto dos seus dias. A mãe de Karl, filha de um rico tapeceiro, contestou o direito de Beethoven à posse da criança e moveu um processo contra o cunhado. O litígio durou vários anos, durante os quais os tribunais se manifestaram ora a favor de um, ora a favor de outro. A responsabilidade do encargo do rapazinho, bem como os pleitos respectivos, constituíram uma verdadeira sangria para a bolsa e para a saúde de Beethoven. Não obstante, conseguiu pôr de lado certa quantia para o futuro do sobrinho, embora, devido a isso, padecesse frequentes privações.

Beethoven nutria, no tocante ao rapaz, planos ambiciosos, pois desejava que este se convertesse mais tarde num grande músico ou num grande letrado. Nesse particular, contudo, baldaram-se-lhe as esperanças. Karl era uma criança dificilmente manejável, cujas inclinações o levavam a procurar a sala de bilhar de preferência à sala de aulas. Adolescente, passou a andar com más companhias e a contrair dívidas muito acima da sua mesada. E de uma vez, quando Beethoven se recusou a pagar essas dívidas, o rapaz tentou suicidar-se. Frustrou-se a tentativa, mas Beethoven saiu dela alquebrado.

É de notar, de passagem, que Karl se converteu depois num burguês respeitável, amante da música e devoto da memória do tio. Beethoven, todavia, não viveu o suficiente para assistir a essa transformação do carácter do sobrinho. Conheceu-o apenas no tumulto da adolescência, mas não na placidez da idade varonil.

E foi durante esses anos de turbulência que Beethoven se viu obrigado a percorrer o curso final do próprio destino. A sua produtividade diminua consideravelmente sob o fardo das preocupações e da saúde precária. Escrevera as oito primeiras sinfonias antes de 1815, ano em que adoptou Karl. A «Nona

Sinfonia» só ficou pronta em 1824. Nove anos de desgostos resultaram na explosão final de alegria. O prof. Santayana disse certa vez que Deus criara o Mundo, a fim de que pudesse ser escrita a «Nona Sinfonia». E sobre ela disse Wagner o seguinte: «Vemo-nos hoje diante dela como diante da balza de um período inteiramente novo na história da arte universal, pois surgiu no mundo, por seu intermédio, um fenómeno que nem remotamente pode ser comparado a coisa alguma que a arte de qualquer período, ou de qualquer idade tenha para mostrar-nos.» Já se disse que Beethoven escreveu essa sinfonia como contrapartida do «Fausto» de Goethe — o poema das aventuras da alma na sua jornada terrena, através do inferno para o Céu. Isto, até certo ponto, é verdadeiro quanto às suas outras sinfonias, em especial a «Quinta». Em parte alguma, contudo, está o pensamento de Beethoven tão completo e satisfatoriamente sintetizado como nos cinco movimentos instrumentais e sete movimentos vocais da «Nona Sinfonia». Discutem os críticos sobre a propriedade ou impropriedade de se introduzirem passagens corais em estruturas sinfónicas. Todas essas discussões são insignificantes e ociosas em presença dessa música. No «Canto da Criação», uniu o Senhor uma multidão de sons numa harmonia única — o homem e a fera, o vento e a onda, o murmúrio e o rugido, o estrondear do trovão e a voz da planta ao medrar; tudo isso anda misturado num único hino concordante à glória da Vida. Na «Nona Sinfonia», Beethoven captou um eco autêntico desse hino. A sua surdez não foi um acidente nem uma tragédia. Foi o amanho do solo, para o florescer do génio. Calaram-se para ele todos os sons da Terra a fim de que, no meio do silêncio, pudesse captar as harmonias do Céu. E qual o segredo e o significado dessas harmonias? A unidade do todo, a unidade do género humano, numa fraternidade de amor. «Somente o amor universal, pode transformar e redimir a vida.» Tal é o ensinamento de todos os grandes poetas, todos os grandes artistas, todos os grandes salvadores da história da Humanidade. É a doutrina de Jesus, de Buda, de Zoroastro, de Platão, de Spinoza, dos sonhadores do Oriente e dos pensadores do Ocidente. E é essa mesma doutrina, expressa em música, em vez de manifestada em palavras que Beethoven, triunfante, canta para nós na sua «Nona e Última Sinfonia». O Testamento do Amor. *Seld umschlugen Millionen! Diesen Kuss der ganzen Welt.* «Sede abraçados pelo amor, milhões! Al vem um beijo para o Mundo inteiro.»

Esta, por conseguinte, é a substância da «Nona Sinfonia» de Beethoven. Apesar das nossas derrotas, das nossas dúvidas, o coração do Mundo é sã, o plano de Deus é bom e o destino do Homem é a alegria. Porque a tônica da vida é o Amor.

V I I

Jazia Beethoven no seu leito de morte. Havia alguns meses que estava enfermo. A derradeira luta contra a morte durante quarenta e oito horas. Estava, naquele momento inconsciente. Fora, rugia uma terrífica tempestade. De repente, o fuzilar de um relâmpago. O músico moribundo abriu os olhos e atirou para o ar o punho fechado. Depois, tomou a cair, para trás, morto. O espirito do Homem, Inconquistável até ao fim!

SEDE :

Av.ª Dr. António Bento Martins Júnior
4480 VILA DO CONDE

Execução Gráfica

Tip. ALMAGRÁFICA — PORTO

8.000 ex.